



FIL1006 - 11F -
Historia do Pensame

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO



PUC
RIO

CENTRO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

FIL 1815 -1CA

Estética I

PERÍODO- 2023.1

CARGA HORÁRIA TOTAL: 60
HORAS

CRÉDITOS: 4

Horário:2ª- 4ª11:h-13:h

PROF.: Irley F. Franco

OBJETIVOS
E
EMENTA

O objetivo central do curso é o de familiarizar o aluno com as grandes questões da disciplina da Estética, preparando-o para desenvolver acerca delas suas próprias opiniões e pensamentos. Abaixo, sob o item “Programa”, listamos algumas destas questões. Observe-se que os tópicos escolhidos não foram buscados somente em textos de filósofos, mas também em textos de teóricos de outras áreas e de artistas que revolucionaram a reflexão da arte.

PROGRAMA

1. Estética. Definição e história. Concepções estéticas anteriores ao nascimento da disciplina da estética.
2. As 2 principais teses de Platão sobre a arte. (1) A arte como imitação (mimesis) da imitação (*mimesis*) e, portanto, como simulacro (*phantasma*) da Verdade; e (2) A arte como inspiração divina, isto é, como expressão da própria Verdade no *Íon*, de Platão.
3. Antinomias que se originam na oposição antiga entre *enthousiasmos* e *techne* e que perduram até hoje: teoria/prática, poesia escrita/poesia oral (canções), razão/emoção, etc. A cultura das canções na Grécia antiga. Entusiasmo e encantamento na poesia cantada de Homero. Reflexo das antigas antinomias na polêmica do Estruturalismo, no Brasil dos anos 70.”
4. O problema da mimesis em Aristóteles: a concepção platônica da arte como imitação da imitação da realidade versus a concepção aristotélica da arte como criação e não como imitação da realidade, na Poética. A influência do racionalismo aristotélico sobre toda a arte ocidental.
5. Arte e vida. A tragédia como visão de mundo segundo a Poética de Aristóteles. A dor como fonte da sabedoria humana, nos poemas trágicos dos séculos VII-VI a.C. A filosofia como antídoto da dor. Platão antitrágico, na *República*, livros II,

III e X.

6. Beleza e transcendência. A arte sacra na Europa medieval. Luz e proporção. Símbolo e alegoria. Umberto Eco: Arte e Beleza na I. Média. A arquitetura das catedrais. *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. O canto gregoriano. As iluminuras. Os mosaicos.

7. A arte secular. A arquitetura dos castelos. A literatura da aristocracia feudal. O canto lírico dos Trovadores. O Romance da Rosa. Tristão e Isolda. O ciclo do Rei Arthur. Goliardos (França), cantigas de escárnio e de maldizer (Portugal). Poemas épicos medievais: Beowulf, Canção de Rolando, e Canção dos Nibelungos.

8. Beleza e razão: o desencantamento da arte no século XVIII. Alexander Baumgarten, a estética como ciência. Kant, a autonomia da experiência estética, o gênio e o desinteresse da arte. Schiller a beleza como liberdade na aparência. Kant, a beleza como símbolo do moralmente bom. O nascimento da noção de autoria.

9. O reencantamento da arte no século XIX. A decepção com a razão. O abandono às regras e à disciplina do classicismo. A intensificação dos sentimentos e das paixões. A expressão da subjetividade levada ao seu máximo, na música e na literatura. O movimento *Sturm und Drang* (Tempestade e Ímpeto), encabeçado por Goethe e Schiller, reação à estética racionalista de Immanuel Kant, como precursor do romantismo. Associadas aos ideais supremos do *Sturm und Drang*, as primeiras composições de Ludwig van Beethoven, suas sequências harmoniosas inusitadas e impactantes, o famoso romance de Goethe, *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e a peça teatral *Die Räuber* (Os Ladrões), de Schiller, que influenciou todo o melodrama do século XIX. Na música, os poemas sinfônicos de Berlioz, Liszt e Strauss versus a sinfonia de Haydn, Mozart e Beethoven. Schumann, Schubert, Chopin. Wagner e a Idade Média idealizada. Nietzsche, a arte como produtora de mitos (*O Nascimento da tragédia*). O sentido dionisíaco da arte. A retomada da arquitetura medieval: do neogótico aos Castelos da Baviera.

10. Arte e não-arte na contemporaneidade. A Estética de Hegel como precursora da morte da arte. Arthur Danto sobre o fim da arte no século XX (O abuso da Beleza e A Transfiguração do lugar-comum. As caixas Brillo de Andy Warhol. Os *ready-made* de Marcel Duchamp. René Magritte, e a arte como metáfora. A música atonal de Pierre Boulez, o maestro sem batuta. O dodecafonismo de Arnold Schoenberg. A música aleatória de John Cage (*4.43 e Silence*).

11. Arte e não-arte na contemporaneidade. A morte do autor, em Roland Barthes (O Rumor da Língua). Michel Foucault O que é um autor? (Ditos e escritos III: Estética: literatura e pintura, música e cinema). A questão da autoria e da morte do autor, Giorgio Agamben (*Profanações*). A arte como objeto de massificação. Walter Benjamin (*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*). Arte e espetáculo. O impacto das mídias eletrônicas sobre a arte. Karlheinz Stockhausen, a Sinfonia de Helicópteros e o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001.

AVALIAÇÃO	CATEGORIA III
BIBLIOGRAFIA	<p>Da bibliografia abaixo serão usadas apenas passagens, a serem definidas no decorrer do semestre. Os títulos repetidos são apenas sugestões de diferentes edições do mesmo livro.</p> <p>Outros títulos serão acrescentados oportunamente no decorrer do curso.</p> <p>ARISTÓTELES. <i>Poética</i>. Ed. trilingue, grego, latim e espanhol, por Valentín Garcia Yebra. Biblioteca Románica Hispánica. Editorial Gredos. Madrid. 1974.</p> <p>_____. <i>Poética</i>. Trad., prefácio, introd. comentários e apêndices de Eudoro de Sousa. Editora Globo. Porto Alegre – S. Paulo. 1966.</p> <p>_____. <i>Retórica</i>.</p> <p>ÉSQUILO. <i>Orestéia I</i> — Agamêmnon. Trad. J.A.A. Torrano, ed. São Paulo: Iluminuras, 2004.</p> <p>FOUCAULT, Michel. “Las meninas” In: <i>Les mots et les choses</i>. Trad. port. <i>As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas</i>. Lisboa: Portugália Editora, 1967.</p> <p>_____. <i>Ceci n’est pas une pipe</i>. Montpellier: Fata Morgana, 1973. Trad. bras. <i>Isto não é um cachimbo</i>. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.</p> <p>HOMERO. <i>Ilíada</i>. Trad. Haroldo de Campos. 2 vols. Ed. Mandarim. S. Paulo. 2002.</p> <p>_____. <i>Ilíada</i>. Trad. Carlos Alberto Nunes. Edições Melhoramentos. 4a. ed. S. Paulo. 1960. Reed.2001, Rio de Janeiro, pela Ediouro.</p> <p>_____. <i>Odisseia</i>. Trad. Carlos Alberto Nunes. 4a. ed.. Ediouro. Rio de Janeiro. 2001.</p> <p>_____. <i>Odisseia</i>. Trad. Trajano Vieira. Editora 34. S. Paulo, 2013.</p> <p>PLATÃO. <i>A República</i>. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.</p> <p>_____. <i>O Banquete</i> [ou Do Amor]. Trad. J. C. Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.</p> <p>_____. <i>O Banquete</i> - edição bilíngue grego/ português. Trad. Irley F. Franco e José Antônio Alves Torrano. Edições Loyola. 2021</p> <p>_____. <i>Fedro</i>. Trad. C. A. Nunes. Belém: Ed. Universidade Federal do Pará, 1975.</p> <p>SÓFOCLES. <i>Édipo Rei de Sófocles</i>. Trad. Trajano Vieira. Apresentação J. Guinsburg. Ed. Perspectiva; FAPESP. S. Paulo. 2001.</p> <p>_____. <i>Édipo Rei</i>. Em A Trilogia Tebana. Trad. Mario da Gama Kury. J. Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990.</p>